

Público

02-04-2020

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Educação

Dimensão: 2315 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 22/23

O ensino universitário em tempos de isolamento

Medidas de combate à pandemia mantêm milhares de estudantes e docentes em casa. Ensino em tempos de isolamento não funciona de maneira igual para todos

Universidades

Sofia Matos Silva (texto),
Tiago Lopes (fotografia)

O despertador toca às 8h, às 10h, ao meio-dia ou nem toca de todo. Se o horário de um estudante universitário já era irregular antes de o novo coronavírus levar à suspensão das aulas presenciais, agora ainda mais o é. Pedro Miguel Oliveira estuda Ciências da Comunicação na Universidade do Porto (UP) e confirma que “a rotina está a ser completamente fora do normal”. Sem o habitual período gasto em deslocações diárias, os estudantes acordam minutos antes das aulas e muitos só atravessam o quarto, indo de pijama da cama para a secretária.

Carolina Torneiro está a fazer o mestrado na ESADE Business School de Barcelona. Longe da família e a estudar num país que já ultrapassou os 8 mil mortos por covid-19, faz o que pode para manter a rotina o mais próximo possível do normal. Acorda às 8h30, faz ioga antes de tomar o pequeno-almoço e de se sentar no computador. Tal como os alunos das universidades portuguesas, diz que já “todo o conteúdo passou para o online”.

Online é, agora, o universo no qual operamos. Pelo mundo fora, os estudantes estão a ter aulas através de serviços como o Colibri, que assenta sobre a plataforma Zoom desde 2017 e disponibiliza serviços de conferência à distância. Os alunos reúnem-se com os professores em videoconferência, podendo interagir com o microfone e a câmara ligados, por mensagem geral ou privada, respondendo a questões feitas em sondagens ou analisando PowerPoint fornecidos por docentes com partilha de ecrã.

Numa carta enviada aos universitários a 23 de Março, véspera do Dia Nacional do Estudante, o Ministério do Ensino Superior confirmava que o serviço Colibri/Zoom, disponibilizado pela Unidade de Computação Científica Nacional da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT-FCCN), “continua a registar diariamente um acréscimo no número de utilizadores”. Na segunda-feira foram cedidos

dados actualizados ao PÚBLICO referentes a 27 de Março: 173.320 participantes em 9171 aulas e reuniões. Para termos comparação, em 2019 acediam, em média, 827 utilizadores por dia a um conjunto de 124 reuniões. Os totais deste mês de Março apontam para 104.321 reuniões/aulas e 1.946.057 participantes.

Idalina Jorge é investigadora no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Aposentou-se da docência recentemente, mas deu aulas muitos anos. Reflecte que “este é um tempo muito complicado para todos e que exige muita compreensão” – as falhas de comunicação são frequentes, gerando mal-entendidos evitáveis. E, por vezes, as indicações provêm de entidades com muito pouco conhecimento sobre como funciona o ensino online. A comunicação “está a ser vertical em vez de horizontal”, numa altura em que é preciso falar com os alunos e perceber o que precisam, porque “os estudantes também sabem o que resulta melhor ou pior”.

Replicação da sala de aula?

Tanto docentes como alunos, diz, têm de perceber que o ensino online não é uma replicação à distância do ensino em sala de aula. Exige muito trabalho de estudo autónomo porque “estão a ser feitas videoconferências de seis horas e isso não é praticável”. “Nem todos aprendem ao mesmo ritmo” e o recomendável seria marcar reuniões semanais para acompanhamento, esclarecimento de dúvidas e outros assuntos, e permitir aos alunos o desenvolvimento de competências autónomas – mas sem alguma vez os deixar desamparados. Há professores a passar “mais de dez horas em frente a um computador”, alerta Idalina Jorge, o que não é saudável.

Não é saudável e até pode nem ser possível. A ligação à Net é assumida como obrigatória, mas nem todos os estudantes têm Wi-Fi em casa. É o caso de Filipa Silva, que no seu último ano em Línguas, Literaturas e Culturas na Faculdade de Letras da UP está a ter dificuldades em acompanhar as cadeiras. Conseguiu encontrar uma “solução”, mas receia que outros uni-

versitários estejam a ter o mesmo problema. “Como serão avaliados estes casos? Não sinto ser justo um colega não se licenciar este ano por não ter possibilidade de ter Net em casa. É como se fosse um falso stand-by e, mesmo estando a trabalhar todos os dias para a faculdade, sinto que uma parte muito grande está em falta.”

Apesar das dificuldades, todos percebem que as aulas presenciais foram suspensas por uma “questão de saúde pública e de fazer o melhor pela comunidade”. As palavras são de Beatriz Teixeira; a meio da fase de exames do mestrado em Gestão da Nova School of Business and Economics, a estudante explica que a avaliação está a decorrer online e que “os professores fizeram tudo para garantir que era o mais natural e a melhor situação possível, dentro de uma situação que por si só é bastante negativa”.

Maria Melo, que tal como Beatriz estuda na Universidade Nova de Lisboa (UNL), mas na Faculdade de Ciências e Tecnologia, assegura que já estão “a ter vídeo-aulas em todas as cadeiras”. Na Faculdade de Engenharia da UP, a situação é a mesma. Eduardo Parracho (do mestrado integrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores) esclarece que tudo já foi “adaptado conforme necessário”: as aulas teóricas são feitas por videoconferência, “as laboratoriais estão a ser substituídas por vídeos feitos pelos professores” e “as avaliações vão passar a ser mais direccionadas para projectos e trabalhos”. Considera que os colegas “estão a aderir bem à nova situação” e que “há tanta ou até mais comparência nas aulas”.

No entanto, o superior no país não está a avançar a uma única velocidade: há turmas a serem deixadas para trás, anos, cursos e até faculdades. Ainda na UNL, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Inês Caseiro, estudante de Ciência Política e Relações Internacionais, tem cinco cadeiras e diz que cada professor lecciona à sua maneira. As videoconferências em espanhol tornam-se “extremamente confusas” dada a importância que “a participação oral” tem, aprendem alemão sozinhos a partir de um



guião enviado “quase na totalidade” na língua estrangeira e as cadeiras de carácter teórico “são maioritariamente dadas com base nos textos obrigatórios”, sendo pedido aos alunos que construam um ensaio ou comentem as leituras num fórum. Na Faculdade de Economia da UP, a adaptação parece estar um pouco “atrasada”, considerava Filipe Simões. O estudante queixa-se que apenas a 23 de Março recebeu “um primeiro vídeo de uma unidade curricular”, não existindo ainda “aulas em directo por motivos distintos que não foram explicados”. Isto no curso de Economia, porque no

Afonso Gabriel (foto em cima) estuda na UTAD; Germano Moreira (em baixo) estuda Engenharia Agronómica na UP

de Gestão “há videoaulas e bastante apoio ao aluno”. Aos alunos, a faculdade disse que cada docente poderá decidir como as aulas decorrem; desta forma, “há professores que ajudam e tentam cooperar e outros que não o fazem de todo”, condena Filipe.

Na Universidade de Aveiro, Gonçalo Matias, estudante de Engenharia Mecânica, explica que algumas turmas estão “em grande desvantagem”,



Este é um tempo muito complicado para todos e que exige muita compreensão

Idalina Jorge

Investigadora no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa



pação dos estudantes neste momento; para esta reportagem foram entrevistados 23 jovens e a maior parte não sabe como vai ser avaliada. José Pedro Pimentel estuda Direito na Universidade do Minho e diz que ainda não tem “qualquer informação sobre como irá ser realizada a avaliação”. Diz que os testes *online* poderiam “incitar as fraudes académicas”, mas tem reservas quanto à existência de um único exame final presencial (“de três possibilidades de avaliação, passaríamos apenas para uma”).

Afonso Gabriel é finalista de Engenharia Mecânica na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dentro do “que é controlável”, a principal melhoria a fazer seria, na sua opinião, “uma maior disponibilidade dos docentes para tirar dúvidas aos alunos” e a “disponibilização de exercícios resolvidos em formato PDF”. Germano Moreira está a fazer o seu mestrado em Engenharia Agronómica na Faculdade de Ciências da UP e diz que seria importante as “faculdades criarem protocolos com estes programas” porque no Zoom “as videochamadas só duram 40 minutos”; para não ter limite de tempo, é necessária uma assinatura e “nem todos os professores a têm”, o que acaba por retirar “qualidade” às aulas.

É consensual que as aulas teóricas são as mais fáceis de adaptar a esta nova realidade. Algumas aulas práticas, contudo, podem nem ter solução em vista. Na Escola Superior de Media Artes e Design, os alunos sentem que vão ficar a perder e que, se as avaliações práticas passarem para puramente teóricas, não terão “tão bons resultados” no futuro. Alice Horta estuda Tecnologia de Comunicação Audiovisual também no Politécnico do Porto e admite ser “possível que todo o curso atrase um semestre” ou que venham a ter aulas no Verão. Também no ensino de desporto a componente prática é, obviamente, muito afectada. Na UP, grande parte da “prática desportiva central no currículo” não pode ser realizada, admite Raul Santos, do gabinete de comunicação. O que coloca “dificuldades” também na avaliação “se a situação se prolongar por muito tempo”. **Texto editado por Pedro Sales Dias**

sofia.silva@publico.pt



Ver mais em
www.publico.pt/p3

Instituições do ensino superior emprestam computadores aos estudantes

Samuel Silva e Tiago Mendes Dias

A meio da terceira semana de aulas à distância, Alexandra Henriques espera pelo momento em que pode ir buscar um computador para poder acompanhar as matérias. “Até agora, está a ser difícil”, conta. Está no 1.º ano da licenciatura em Línguas para as Relações Internacionais, do Instituto Politécnico de Bragança (IPB), e é um dos mais de 100 alunos a quem a instituição vai emprestar, a partir desta semana, equipamentos para que possam continuar a estudar.

Alexandre Henriques está a cumprir o isolamento social recomendado pelas autoridades sanitárias a 230 quilómetros de casa. É natural de Santa Maria da Feira, onde “a situação está um bocadinho crítica”. O concelho é vizinho de Ovar, o primeiro município ao qual foi imposto um cordão sanitário, e conta 162 infectados com a covid-19, de acordo com os últimos números divulgados pela Direcção-Geral da Saúde.

Na casa onde vive, em Bragança, tem acesso à Internet. Mas não tem computador. Por isso, teve que

acompanhar as aulas nas últimas duas semanas e meia através do seu telemóvel. Uma solução pouco eficaz, explica: “Na primeira semana foi especialmente complicado. Nem consegui entregar a tempo os trabalhos que os professores pediram...”

Após os primeiros dias de ensino a distância, o IPB começou a receber queixas dos alunos que, como Alexandra, não tinham um computador – ou acesso à Internet nas casas em que estão confinados – para poder acompanhar as matérias que os professores disponibilizam *online*. “Não é um número muito elevado, mas temos que ter uma solução para eles”, explica o presidente daquele instituto politécnico, Orlando Rodrigues, que, na semana passada, lançou um programa de empréstimo de computadores destinado a estes estudantes.

O IPB disponibilizou 130 equipamentos, que costumam ser utilizados nas salas de aulas e começou a entregá-los esta semana à maioria dos 140 alunos que se candidataram a recebê-los. A instituição está a preparar uma segunda fase deste programa, esperando conseguir mobilizar computadores doados por empresas ou instituições públicas

da região, para dar resposta aos restantes estudantes.

Também os institutos superiores de Setúbal – que, além de emprestar 100 computadores da instituição, apelou também aos estudantes que emprestem aos colegas equipamentos que possam ter em casa sem utilização –, Coimbra e do Cávado e Ave, com sede em Barcelos, têm programas semelhantes.

Entre as universidades, a do Algarve está também a ultimar uma iniciativa deste género. Depois de ter confirmado que o ano lectivo em curso vai terminar sem mais aulas presenciais, a Universidade do Minho (UM) mostra abertura para ajudar os estudantes desprovidos de computador a realizarem as actividades calendarizadas a partir do local onde estão isolados. A UM vai assinalar os alunos com “dificuldades relativamente à posse de computadores ou de rede”, através de um levantamento já pedido à Associação Académica da Universidade do Minho e aos vários directores de curso, avançou o reitor, Rui Vieira de Castro, num encontro ontem com a imprensa, por videoconferência.

Depois de identificados os estudantes, a universidade tem em mente dois caminhos para suprir as suas necessidades: uma “campanha de sensibilização social” para o problema junto de antigos estudantes e a alteração do regulamento do Fundo Social de Emergência da instituição para financiar a oferta de equipamento.

Além do empréstimo de computadores, o Politécnico de Setúbal, em parceria com a sua associação académica, vai também entregar pontos portáteis (*hotspots*) de acesso à Internet aos alunos que não tenham uma ligação doméstica. Já o politécnico de Bragança está a estudar formas de aumentar a potência da rede interna de *wi-fi*, de modo a poder cobrir a área envolvente do *campus* onde mora a maioria dos estudantes da instituição.



Muitos alunos não têm acesso à Net e instituições procuram soluções

samuel.silva@publico.pt

apesar de esperar que a situação estabilize nos próximos dias: há professores que continuaram a dar as aulas e outros que só na semana passada se iniciaram no regime digital. Na Lusófona do Porto, as aulas também só retomaram na semana passada. No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, segundo a estudante e dirigente académica Ana Beatriz Basílio, a associação de estudantes teve de “negociar com a direcção a adopção de aulas *online*” porque a suspensão das aulas presenciais foi feita sem qualquer outra indicação inicial.

Na Universidade de Coimbra, Guilherme Macedo diz que os estudantes de Direito estão a ter todas as aulas por videochamada. Já Beatriz Maia, no 2.º ano de Gestão, lamenta que só um dos professores tenha aderido às aulas *online*. Os jovens estão preocupados com a avaliação final; as frequências intercalares já foram canceladas e as faculdades, diz a estudante, estão “confiantes relativamente à existência de exames presenciais”, adiando as provas da época normal para a época de recurso e garantindo que será dado a “todos os alunos acesso à época especial”.

E a avaliação? E as aulas práticas? Esta é, sem dúvida, a maior preocu-